

Seja para a filosofia seja para a teologia (esta, naquele espaço consagrado precisamente à relação entre a razão e a fé, que é o da teologia fundamental) este terceiro volume, na sequência dos dois primeiros e na expectativa do quarto e último, pode constituir um precioso instrumento para a compreensão daquela problemática relação, na pluralidade das abordagens de que foi objecto no pensamento moderno, embora mais no filosófico que no teológico.

JORGE COUTINHO

SOUZA, José Antônio de C. C. de, **As relações de poder na Idade Média Tardia. Marsílio de Pádua, Álvaro Pais O. Min. e Guilherme de Ockham O. Min.**, EST Edições / Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto Alegre / Porto, 2010, 360 p., 230 x 160, ISBN 978-85-7517-143-1 (EST) / 978-972-8932-47-3 (Fac. de Letras).

O estudo das relações de poder entre a Igreja e o Estado é de grande relevância para a compreensão de muitas coisas acontecidas no decurso de dois milénios da história do cristianismo. Uma razoável variedade de modelos foi teorizada e praticada, conforme as circunstâncias epocais. No tempo presente, em pleno século XXI, não obstante a clarificação daquelas relações operada pela Igreja Católica no Concílio Vaticano II (const. *Gaudium et spes*), a exacerbação do espírito de autonomia de toda a ordem temporal das coisas, acrescido do declínio da fé e do avanço do ateísmo, tem conduzido a filosofia política e a prática de muitos governantes no sentido da imposição de um laicismo *à outrance*, tendente, no fundo e ao que parece, a fazer desapare-

cer a própria religião não só dos espaços públicos mas também do próprio coração dos crentes.

Este livro do prof. José Antônio de C. R. de Souza, na sequência de outros estudos (alguns dos quais publicados nesta revista), não obstante constituir um estudo sobre autores que teorizaram as referidas relações de poder nos finais da Idade Média, ganha, também por isso – que não só –, um cariz de oportunidade. A história é mestra da vida. Conhecer o passado ajuda, muitas vezes, a compreender o presente de que se constitui como contexto, mesmo que mais ou menos remoto, e de que é sempre um modelo de referência (mesmo que em modo de anti-modelo). No caso dos autores estudados por José Antônio de Souza, a situação histórica era a da grande crise nos finais da Idade Média, em que se anunciava o novo espírito que seria o da modernidade. No tempo presente, está-se no interior de outra grande viragem e grande crise: a da passagem da modernidade pura e dura a algo diferente que muitos, desde Lyotard, à falta de melhor expressão e ainda situados no interior da mesma crise, gostam de designar, vagamente, por pós-modernidade. Alguns identificam-na com uma era pós-cristã, em que se recusa em bloco todo o cristianismo, algo bastante mais radical do que fora o tempo da crise dos séculos XIV-XV, em que o que esteve sob julgamento e em princípios de um processo de desaparecimento era, antes, a cristandade. Bem vistas as coisas, se é verdade que, do lado da Igreja, ou das Igrejas, em geral o princípio da secularidade e laicidade da ordem temporal foi assumido, não parece ter havido, em muitos casos, uma postura correspondente do lado do poder po-

litico. No fundo da compreensão deste radicalismo laicista pode muito bem estar subjacente, mais consciente ou mais subconscientemente, a memória histórica daquele passado medieval.

O presente estudo – incidindo sobre três grandes figuras representativas da filosofia política no século XIV, ao tempo do conflito entre o Papado e Império Romano-Germânico, cada qual arrogando-se a liderança da cristandade – traz à luz as respectivas concepções sobre a relação entre o poder espiritual e o poder temporal: génese de cada qual, sua legitimação, sua esfera própria de actuação e seus limites.

Começa por um longo capítulo (pp. 11-63) de contextualização histórica. Nele, o autor estuda o conflito que, na primeira metade do séc. XIV, envolveu o Papado com vários reinos europeus; mas também, em especial, o conflito do mesmo Papado com boa parte da Ordem Franciscana e a génese do pensamento político franciscano. O segundo capítulo é dedicado à trajectória de vida de cada um dos três pensadores em estudo, com posições por vezes diametralmente opostas, a pesar de arrimados às mesmas fontes essenciais: Sagrada Escritura e Aristóteles. As respectivas formulações, com a correspondente argumentação, são apresentadas nos capítulos terceiro e quarto, com a preocupação de ilustrar as ideias expostas com numerosas passagens das obras dos três autores em estudo.

O livro está largamente documentado, com abundantes notas de rodapé, onde também é referida muita bibliografia, com evidente utilidade para quem deseje prosseguir e aprofundar estudos sobre as matérias aqui versadas.

JORGE COUTINHO

HISTÓRIA / BIOGRAFIA

STEIN, Edith, **Correspondance I (1917-1933)**, Introduction, traduction et notes par Cécile RASTOIN, coll. «Oeuvres steiniennes», Les Éditions du Cerf (www.editionsducerf.fr) / Ad Solem (www.ad-solem.com) / Éditions du Carmel (www.editionsducarmel.fr), Paris, 2009, 770 p., 215 x 145, ISBN 978-2-204-08807-7.

Estamos perante uma edição crítica das cartas de Edith Stein no período indicado no título, entre o fim da sua tese de doutoramento (1917) e a sua entrada no Carmelo de Colónia (1933). Elas constituem porventura a melhor fonte para o conhecimento da vida íntima e pessoal da autora. Mas comportam igualmente numerosas informações sobre o movimento fenomenológico, os círculos feministas, as actividades católicas e a perseguição aos judeus. No seu conjunto, além de um «auto-retrato» ao vivo, por elas passam muitos aspectos da vida na época entre as duas grandes guerras: sociológicos, pedagógicos, feministas, filosóficos, com relevo para a fenomenologia.

Na sua Introdução (pp. 7-35), Cécile Rastoin procura esboçar, ela mesma, os grandes traços da fisionomia espiritual de Edith Stein: a europeia empenhada na política, idealista e lúcida; a mulher avara em confidências; as suas ligações ao círculo de Göttingen, a sua admiração por Adolf Reinach e as suas relações com Edmund Husserl e Max Scheler; o carácter empenhado (*engagé*) do seu ensino; o seu papel de conferencista católica, especialista na condição feminina; o seu jeito de pedagoga.

O volume está enriquecido com vários contributos de interesse, tais como: uma